



## **ESPAÇO O TEATRO DO OPRIMIDO COMO INSTRUMENTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE ENSINO TRANSDICIPLINAR**

**Renata Nasser Serradourada<sup>1</sup>**

Resumo: O tema proposto por esse trabalho busca desconstruir o modelo de ensino tradicional ainda impregnado pela mentalidade positivista e mecanicista que enfatiza o conhecimento a partir do objeto, e não do sujeito enquanto articulador de sua própria história. A Educação Ambiental na visão transdisciplinar passa a ser processo participativo, onde o educando assume o papel de elemento central do processo de ensino/aprendizagem pretendido, participando ativamente no diagnóstico dos problemas ambientais e busca de soluções, sendo preparado como agente transformador, através do desenvolvimento de habilidades e formação de atitudes, através de uma conduta ética, condizentes ao exercício da cidadania. Podendo a Educação Ambiental ser um processo de educação não- formal, a inserção do teatro na realização desse trabalho se dá na tentativa de compreender os potenciais pedagógicos emancipatórios que as atividades de arte-educação podem propiciar.

Palavras Chaves: Educação Ambiental; Teatro; Transdisciplinaridade

### **Introdução**

O modelo de ensino tradicional ainda impregnado pela mentalidade positivista e mecanicista enfatiza o conhecimento a partir do objeto, e não do sujeito enquanto articulador de sua própria história. Essa ideologia aplicada tem reforçado o processo de exclusão que fragmenta vertiginosamente os mecanismos de participação da população na construção da realidade.

O tema proposto por esse trabalho busca desconstruir esse tipo de conhecimento estruturado em blocos fixos, com campos definidos, visíveis, estáveis, demarcados. É em contraposição a esse tipo de conhecimento que a Educação Ambiental na defesa de um ato educativo criativo, surge incorporando a transdisciplinaridade na sua base para suas experiências e reflexões, tendo em vista uma educação pautada pelos novos valores da contemporaneidade, em que o saber organizado, disciplinado, passa a coexistir com

---

<sup>1</sup>Graduada em Administração em Turismo  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Especialista em Educação Ambiental  
Universidade Federal de Goiás  
Graduanda em Geografia  
Universidade de Brasília  
Email: rserradourada@gmail.com



atitudes de sujeitos críticos e indagantes, capazes de agir criativamente na interseção de múltiplos campos do conhecimento. De acordo com Nicolescu (2001, p.19) no livro o Manifesto da Transdisciplinaridade, afirma que educação transdisciplinar seria a tentativa de buscar uma perspectiva de ação holística que relaciona o homem, a natureza (natural) e o universo. "... a educação transdisciplinar, por sua própria natureza, deve ser exercida não apenas nas instituições de ensino, do maternal à Universidade, mas também ao longo de toda a vida e em todos os lugares da vida." (NICOLESCU, 2001, p.149)

A Educação Ambiental na visão transdisciplinar passa a ser processo participativo, onde o educando assume o papel de elemento central do processo de ensino/aprendizagem pretendido, participando ativamente no diagnóstico dos problemas ambientais e busca de soluções, sendo preparado como agente transformador, através do desenvolvimento de habilidades e formação de atitudes, através de uma conduta ética, condizentes ao exercício da cidadania. (CASCIANO 1999 p.12) afirma que:

... a chamada Educação Ambiental não contém uma especificidade, isolada, desconectada; ela só existe na estreita relação da produção de um fazer educação mais amplo com processos de transformação de toda a educação. Se a considerarmos não como uma construção teórica/acabada, mas compreendermos sua inserção prática, sua existência condicionada ao fazer e ao interferir, verificaremos sua condição eminentemente transdisciplinar...(CASCIANO 1999 P.12).

Fica claro que a Educação Ambiental traz uma visão ampla que envolve não só elementos naturais do meio ambiente, mas também os elementos construídos e todos os aspectos sociais envolvidos na questão ambiental. Ela só existe na estreita relação da produção de um fazer educação mais amplo com processos de transformação de toda a educação. Podemos compreendê-la não como uma construção teórica/acabada mas considerando sua existência condicionada ao fazer e ao interferir mostrando sua condição transdisciplinar.

Podendo a Educação Ambiental ser um processo de educação não- formal, a inserção do teatro na realização desse trabalho se dá na tentativa de compreender os potenciais pedagógicos emancipatórios que as atividades de arte-educação podem propiciar a toda e qualquer comunidade que tenha o interesse de trazer a educação para perto da realidade vivenciada.

A escolha pelo Teatro do Oprimido se deu pelo fato de ser uma categoria do mundo teatral que trabalha a linguagem humana por excelência, que existe dentro de cada um de nós, onde somos atores e ao mesmo tempo espectadores dos nossos atos.



O termo: Teatro do Oprimido refere-se explicitamente a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, o aspecto pedagógico desse teatro aparece em primeiro plano. Projeto político com força e impõe-se através de um processo análogo ao que deu a luz à Pedagogia da Libertação de Paulo Freire. Para Boal, o criador do Teatro do Oprimido (1980) "... o teatro pode ser uma arma de libertação, de transformação social e educativa." Boal também afirma que o

... Ensino é transitividade, democracia, diálogo, o T.O. (teatro do oprimido) cria o diálogo, busca a transitividade, interroga o espectador e dele se espera uma resposta. O teatro do oprimido procura o desejo de criar espaço no qual se possa criar aprender; ensinar...transformar (1980; p. 58).

Para Morin (2000, 2003) as atividades de jogo, de festa, de ritos (originárias e presentes até hoje no teatro), tratam e trabalham com caracteres antagônicos do ser humano (*sapiens* e *demens*; *faber* e *ludens*; *empiricus* e *imaginarus*), e possuem raízes que mergulham nas profundezas antropológicas; referindo-se ao ser humano em sua natureza.

Nesse contexto o que se busca da metodologia Teatro- Educação Ambiental é o desenvolvimento da sensibilidade e da afetividade para com o ambiente, considerando dimensões como a econômica, a histórica e a política dentro do contexto das questões socioambientais.

## **Metodologia**

O presente trabalho surge com o propósito de construir uma outra metodologia de ensino onde a inserção da comunidade nessa construção é essencial, enxergando o indivíduo como parte da realidade e não como objeto de estudo.

A abordagem metodológica utilizada para resolução das questões fundamentais deste projeto foi organizada de acordo com os pilares da pesquisa-ação (Barbier, 1997). Nesta pesquisa o pesquisador desempenha um papel dialético, procurando articular constantemente a implicação e o distanciamento, a afetividade e a racionalidade, o simbólico e o imaginário, a mediação e o desafio, a ciência e a arte.

A natureza prática e poética da pesquisa-ação tornou-se apropriada para co-produzir sentidos com todos aqueles que se recusam ser despossuídos de sua existência concreta, econômica, social, cultural e simbólica.

Pensar e realizar pesquisas tendo como objeto de investigação a criatividade e a transdisciplinaridade junto da educação ambiental requer, inicialmente a adoção de uma metodologia peculiar de trabalho – é como pesquisar a própria prática de trabalho, de ação.



É buscar através das referências teórico pesquisado, a construção de um novo conhecimento, em parceria com muitas outras mãos.

### **Educação para além dos muros**

A educação surge junto com o homem, desde a formação do ser humano em sociedade, existem dados que comprovam que passamos nossas teorias para os nossos descendentes, fazendo assim o início de uma educação de sobrevivência. Não é interesse desse trabalho discutir todo o processo histórico da educação, seja ela no mundo ou no Brasil, porém fazer uma breve discussão de como ela é conceituada nos dias de hoje.

Muito da história brasileira está pautada na chegada dos portugueses por aqui, trazendo com eles idéias de dominação sobre os índios.

Não podemos deixar de reconhecer que os portugueses trouxeram um padrão de educação próprio da Europa, o que não quer dizer que as populações que por aqui viviam já não possuíam características próprias de se fazer educação. E convém ressaltar que a educação que se praticava entre as populações indígenas não tinha as marcas repressivas do modelo educacional europeu. Num programa de entrevista na televisão o indigenista Orlando Villas Boas contou um fato observado por ele numa aldeia Xavante que retrata bem a característica educacional entre os índios: Orlando observava uma mulher que fazia alguns potes de barro.

Assim que a mulher terminava um pote seu filho, que estava ao lado dela, pegava o pote pronto e o jogava ao chão quebrando. Imediatamente ela iniciava outro e, novamente, assim que estava pronto, seu filho repetia o mesmo ato e o jogava no chão. Esta cena se repetiu por sete potes até que Orlando não se conteve e se aproximou da mulher Xavante e perguntou por que ela deixava o menino quebrar o trabalho que ela havia acabado de terminar. No que a mulher índia respondeu: "- Porque ele quer."

Quando os jesuítas chegaram por aqui eles não trouxeram somente a moral, os costumes e a religiosidade européia; trouxeram também os métodos pedagógicos. Este método funcionou absoluto durante 210 anos, de 1549 a 1759, quando uma nova ruptura marca a História da Educação no Brasil: a expulsão dos jesuítas por Marquês de Pombal. Se existia alguma coisa muito bem estruturada em termos de educação o que se viu a seguir foi o mais absoluto caos. Tentou-se as aulas régias o subsídio literário, mas o caos continuou até que a Família Real, fugindo de Napoleão na Europa, resolve transferir o Reino para o Novo Mundo. Na verdade não se conseguiu implantar um sistema educacional nas



terras brasileiras, mas a vinda da Família Real permitiu uma nova ruptura com a situação anterior. Para preparar terreno para sua estadia no Brasil D. João VI abriu Academias Militares, Escolas de Direito e Medicina, a Biblioteca Real, o Jardim Botânico e, sua iniciativa mais marcante em termos de mudança, a Imprensa Régia.

Segundo alguns autores o Brasil foi finalmente "descoberto" e a nossa História passou a ter uma complexidade maior. A educação, no entanto, continuou a ter uma importância secundária. Basta ver que enquanto nas colônias espanholas já existiam muitas universidades, sendo que em 1538 já existia a Universidade de São Domingos e em 1551 a do México e a de Lima, a nossa primeira Universidade só surgiu em 1934, em São Paulo. Por todo o Império, incluindo D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II, pouco se fez pela educação brasileira e muitos reclamavam de sua qualidade ruim.

Com a Proclamação da República tentou-se várias reformas que pudessem dar uma nova guinada, mas se observarmos bem, a educação brasileira não sofreu um processo de evolução que pudesse ser considerado marcante ou significativo em termos de modelo. Até os dias de hoje muito tem se mexido no planejamento educacional, mas a educação continua a ter as mesmas características impostas em todos os países do mundo, que é a de manter o "status quo" para aqueles que freqüentam os bancos escolares.

A nossa educação ficou basicamente restrita a sala de aula e de forma bastante desigual, aqueles que possuem maior poder aquisitivo geralmente estudam em colégios ditos particulares, e os que não tem condição de ocupar o espaço dessas escolas estudam nas escolas públicas e isso até ingressarem na universidade, que por estranho que pareça o quadro muda, aqueles de maior poder aquisitivo vão para as universidades públicas e os que antes estudaram em colégios públicos vão tentar pagar uma universidade particular.

Hoje alguns autores trabalham para que essa realidade seja transformada, Brandão (2007, p.13) no livro *"O que é Educação"* nos leva a questionar a que, e a quem serve a educação. Segundo o autor, *"Educação é um dos principais meios de realização de mudança social ou, pelo menos um dos recursos de adaptações das pessoas, em um mundo em mudança."*, podendo na atualidade inclusive ser vista como um investimento, mas ela ainda continua a provocar desigualdades. Regional e global.

Outro autor que defende a educação de forma mais coesa e igualitária é Freire (2000 p.36) que afirma que vivemos em uma sociedade dividida em classes, sendo que os privilégios de uns, impedem que a maioria, usufrua dos bens produzidos e, coloca como um desses bens produzidos e necessários para concretizar a vocação humana de ser mais, a educação, da qual é excluída grande parte da população do Terceiro Mundo.



Com efeito, ao enfatizar o caráter contemplativo da teoria, Paulo Freire garante a inserção do homem na realidade. Ele deixa claro que teoria é sempre a reflexão que se faz do contexto concreto, isto é, deve-se partir sempre de experiências do homem com a realidade na qual está inserido, cumprindo também a função de analisar e refletir essa realidade, no sentido de apropriar-se de um caráter crítico sobre ela. Esse caráter de transformação tem uma razão de ser, pois provém antes de tudo, da sua vivência pessoal e íntima numa realidade contrastante e opressora, influenciando fortemente todas as suas idéias.

De teoria, na verdade, precisamos nós. De teoria que implica uma inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vivê-lo plenamente, praticamente. Neste sentido é que teorizar é contemplar. Não no sentido distorcido que lhe damos, de oposição à realidade [...] (FREIRE, 1979, p.93).

A educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar-e-aprender. O ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia ( a teoria da educação), cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados. É quando aparecem a escola, o aluno e o professor.

Limitando a educação dentro da sala de aula, acabamos dividindo o saber. E na tentativa de religar o saber a vida surge a Educação Ambiental. No começo essa educação era vista mais como uma preocupação com o meio natural, hoje ela é vista com uma educação transformadora capaz de reunir homem e natureza, entende-se que se trata de uma prática educacional sintonizada com a vida em sociedade, que deve ser inserida sob diversos enfoques: social, econômico, político, cultural, artístico, etc., não podendo ser considerada como uma prática estanque, uma vez que abrange diversas áreas, confirmando sua transdisciplinaridade. Segundo a Conferência de Tbilisi (1977; conforme Anexo III).

A educação ambiental é o resultado de uma orientação e articulação de diversas disciplinas e experiências educativas que facilitam a percepção integrada do meio ambiente, tornando possível uma ação mais racional e capaz de responder às necessidades sociais.

EA trata-se, portanto, de um processo transformador e conscientizador que vai interferir, de forma direta, nos hábitos e atitudes dos cidadãos.

## **O Surgimento da Educação Ambiental**



Foi a partir da década de 50 que surgiram os primeiros movimentos que evidenciaram uma preocupação com o meio ambiente, sendo que, em 1947, é fundada a UICN- União Internacional de Conservação da Natureza, na Suíça, segundo Mininni (2004).

Desde então, conforme Guimarães (2000), começaram a ocorrer manifestações para o desenvolvimento de uma consciência ambiental mundial. Em 1968, foi criado o clube de Roma, que reuniu cerca de trinta (30) indivíduos, representantes de 10 países. Esses indivíduos discutiam assuntos ambientais emergentes, na época, na tentativa de buscarem uma solução para a crise ambiental que vivenciavam, evidenciando uma forte preocupação com o futuro da humanidade.

Ainda conforme Guimarães (2000;p.39), após quatro anos da criação do Clube de Roma, foi realizada a Conferência das Nações Unidas para a Defesa do Meio Ambiente Humano, no dia 05 de junho de 1972 (data que corresponde ao Dia Mundial do Meio Ambiente e da Ecologia), em Estocolmo, na Suécia. Nesse importante evento, foram debatidos temas relevantes relacionados à destruição do meio ambiente, por diversos países.

Segundo Mininni (2004), a Educação Ambiental começa a tomar corpo a partir da Conferência de Belgrado, promovida pela UNESCO, em 1975, na Iugoslávia. Nesse encontro, foram formulados os princípios e orientações para o desenvolvimento de um programa de Educação Ambiental.

Aos poucos, portanto, a EA começa a se fortalecer, até ganhar maior importância em 1977, com a Conferência de Tbilisi, ocorrida na Geórgia (ex-URSS) que, para Guimarães (2000), apresenta importantes recomendações para o desenvolvimento da EA, em âmbito regional, nacional e internacional. Em 1992, ainda conforme Guimarães (2000), ocorreu a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, mais conhecida como ECO-92, no Rio de Janeiro.

Nesse encontro, nasce a Agenda 21, que é um programa de ação para a implementação dos princípios proclamados pela a Carta da Terra, formulada no Fórum Global (evento paralelo a Eco-92, também conhecida como Rio 92) que reuniu milhares de ONG's.

Esses foram os principais acontecimentos mundiais relacionados ao meio ambiente que impulsionaram inúmeras ações ambientalistas, e que serviram de mola propulsora para o nascimento de uma nova maneira de educar.

A pedagogia da Educação Ambiental que emerge começa a indicar a necessidade e a possibilidade de adaptação do sujeito à natureza, sugerindo a educação ambiental como



instrumento de sensibilização dos sujeitos em busca de uma relação “natural” com o ambiente. A EA, ainda é um estudo restrito praticamente as universidades, nas escolas de ensino médio, ela ainda é discutida como sendo algo que cuida da natureza natural e muitas vezes ensina a plantar árvores e respeitar os animais. Nas universidades essa disciplina tem abordado várias questões do mundo acadêmico, trazendo pra junto de di a transdisciplinaridade na tentativa de quebrar o nosso ensino formal e cientificista.

Poucas são as áreas científicas que abordam a trasdisciplinaridade, que na epistemologia da palavra infere algo que vai alem, nesse trabalho pretende-se fazer um breve comentário sobre de que maneira a metodologia transdisciplinar ajuda a quebrar os muros que envolvem nossa educa;ao formal na tentativa de trazer o conhecimento para junto da realidade e transformar a consciência humana em a;ao ou conscientiza;ao.

### **Transdisciplinaridade**

O mundo da ciência, o mundo acadêmico, é o mundo das disciplinas. O avanço tecnológico deste século foram devidos em boa parte à verdadeira explosão da pesquisa disciplinar. A complexificação dos problemas tornou necessária a aproximação e associação gradual das disciplinas em diferentes graus, do mais simples, o da multidisciplinaridade ao mais completo, o da transdisciplinaridade. Para Piaget (1990 p. 136) a transdisciplinaridade envolve “não só as interções ou reciprocidade entre projetos especializados de pesquisa mas a colocação dessas relações dentro de um sistema total, sem quaisquer limites rígidos entre as disciplinas”

No Artigo 4 da Carta da Transdisciplinaridade é posto que:

“O ponto de sustentação da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções através e além das disciplinas. Ela pressupõe uma racionalidade aberta, mediante um novo olhar sobre a relatividade das noções de “definição” e de “objetividade”. O formalismo excessivo, a rigidez das definições e o absolutismo da objetividade, comportando a exclusão do sujeito, levam ao empobrecimento”.

Juntamente com a Educação Ambiental a transdisciplinaridade vem no intuito de quebrar a formalidade da nossa educação sustentada em blocos. Nessa perspectiva é possível estabelecer uma um método de ensino que permita o diálogo entre o mundo e o ser humano.

Magliori em sua palestra no I Simpósio Sobre Educação Ambiental e Transdsisciplinaridade dos Povos Cerradeiros que aconteceu na cidade de Goiânia em outubro de 2008 afirma que “trans” significa “ir além”. Transdisciplinaridade é a abordagem





que vai além das disciplinas, incluindo esferas de conhecimento produzidas por todas as dimensões e inteligências humanas, do orgânico ao espiritual, e não somente pela perspectiva intelectual. Além disso, um posicionamento interdependente, altamente relevante sob a ótica ambiental, não pode manter uma postura educativa do tipo “eu sei você não sabe” ou “eu ensino e você aprende”. A interdependência retira o foco sobre as formas de ensinar, e o redireciona para a ampla gama de possibilidades sobre “como se aprende”. Trata-se de uma abordagem inclusiva de desenvolvimento e co-responsabilidade. Uma revolução das inteligências e dos valores humanos.

Nicolescu no livro *O Manifesto da Transdisciplinaridade* destaca a validade da metodologia transdisciplinar para o campo da educação e reforça essa percepção ao afirmar que:

a educação transdisciplinar é uma educação de libertação, que nos permitirá estabelecer vínculos entre pessoas, fatos, imagens, campos do conhecimento e da ação, possibilitando descobrir o Eros da aprendizagem durante toda a vida, e construir seres humanos em constante questionamento e constante integração (2001, P. 106).

Na tentativa de construir um espaço com um método de ensino transdisciplinar que aponte a importância de haver discussões sócio-ambientais, acreditamos que o teatro seja uma forma que possibilite esse diálogo, porém não qualquer método teatral, mas sim o método do Teatro do Oprimido.

### **Teatro do Oprimido em ação**

Para iniciar uma abordagem sobre o “Teatro do Oprimido”, torna-se necessário uma apresentação de seu criador, o dramaturgo, diretor e teórico de teatro Augusto Boal, nascido no Rio de Janeiro em 1931, cujo nome completo é Augusto Pinto Boal. Este carioca que dirigia centros de teatro na França e no Rio de Janeiro buscou sempre lutar contra todas as formas de opressão, desenvolvendo na sua luta a favor dos explorados e oprimidos, um teatro de cunho político, libertário e transformador. No período em que a ditadura militar reprimiu com maior força a voz do povo e de seus representantes, nos diferentes âmbitos sociais, Boal aliou-se a educadores e intelectuais da América Latina, dispostos a desenvolverem uma tomada de consciência dos oprimidos, a começar pelo projeto de alfabetização, ALFIN – Programa de Alfabetização Integral, no Peru, na década de setenta, cuja concepção metodológica do projeto era inspirada na pedagogia do oprimido de Paulo Freire.



“Teatro do Oprimido”, de acordo com o próprio Boal, pretende transformar o espectador, que assume uma forma passiva diante do teatro aristotélico, com o recurso da quarta parede, em sujeito atuante, transformador da ação dramática que lhe é apresentada, de forma que ele mesmo, espectador, passe a protagonista e transformador da ação dramática. A idéia central é que o espectador ensaie a sua própria revolução sem delegar papéis aos personagens, desta forma conscientizando-se da sua autonomia diante dos fatos cotidianos, indo em direção a sua real liberdade de ação, sendo todos “spect-atores”.

A poética do Teatro do Oprimido está organizada em diferentes formas/técnicas de ações dramáticas, acrescentando que para Boal o teatro é ação.

O Teatro do Oprimido é um método estético que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais que objetivam a desmecanização física e intelectual de seus praticantes e a democratização do teatro, estabelecendo condições práticas para que o oprimido se aproprie dos meios de produzir teatro e amplie suas possibilidades de expressão, estabelecendo uma comunicação direta, ativa e propositiva entre os espectadores e atores.

Entre as técnicas do Teatro do Oprimido, a mais praticada é o Teatro Fórum, um espetáculo baseado em fatos reais, na qual personagens oprimidos e opressores entram em conflito de forma clara e objetiva, na defesa de seus desejos e interesses. Neste confronto, o oprimido fracassa e o público é convidado a entrar em cena para substituir o oprimido e buscar alternativas para o problema encenado.

A apropriação do Teatro do Oprimido nesse trabalhado se dá na tentativa de fazer com que pessoas de uma comunidade consigam fazer intervenção nas histórias de opressão vivenciadas por eles mesmos, na prática do Teatro Fórum. Acredita-se que com as oficinas que poderão se ministradas durante um ano, essas pessoas obtenham autonomia para criarem a cena de opressão de forma crítica.

O teatro do oprimido entra como instrumento da EA por fazer a ligação necessária que precisamos do ser com o meio em que vive, acreditando que só é possível existir transformação se compreendermos de que maneira estamos inseridos no mundo, de que maneira o espaço nos comporta e para isso se faz necessário uma visão crítica local dando um retorno a totalidade que nos reflete.

## **Conclusão**

A pretensão desse trabalho é aplicar esse método teatro-educação em qualquer espaço, ou em qualquer comunidade na tentativa de um modelo educacional transdisciplinar



que consiga fazer com que cidadãos de qualquer região em que estejam inseridos entendam melhor a realidade da qual eles fazem parte e tenham a pretensão de modificá-la.

Muito se tem escrito no mundo científico e pouco se tem feito, as palavras já não suprem a necessidade de mudança que o mundo precisa, e há quem diga que essa mudança não é necessária, posto que as pessoas que não lutam por mudanças são aquelas que estão no topo da cadeia social. Esse trabalho tem a dificuldade de falar desse modelo novo por não saber que modelo seria ideal para estabelecer um aprendizado coerente, porém está lançado o desafio e qualquer intenção é válida posto que, a educação não pode ser um conhecimento paralelo a realidade de um povo.

A Educação Ambiental vem para ficar e trazer para dentro e para fora da academia, ou até mesmo escolas, um saber palpável, onde mais do que aprender sobre os livros consigamos enxergar um ao outro, seja através do teatro, que possibilita a inserção da sociedade na elaboração crítica do mundo em que vive.

Piaget comenta que:

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe. (2000, pg.50).

Esperamos ter colaborado de alguma maneira para o despertar de certos valores ainda adormecidos e se faz urgência em acordar. Lembrando que essa metodologia já havia sido aplicada aos alunos especiais na cidade de Goiás, em um projeto do Balcão de Direitos. Vários desses alunos eram de assentamentos e após um ano de oficinas e diálogos e debates posso afirmar sim que a educação não é linear. O aprendizado, o conhecimento, o saber é uma troca e mais que isso ela somente serve quando saímos de dentro de nós e entramos em contato com o outro.

### **Referências Bibliográficas**

BRANDÃO, CARLOS. O que é Educação. Coleção Primeiros Passos – São Paulo, 2007.

CASCINO F. Educação Ambiental: Princípios, História, Formação de Professores. Ed. Senac- SP, . p. 12, 2007.



FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo : Paz e Terra, p 36-37,2000.

\_\_\_\_\_, P. Educação como prática da liberdade. 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do Oprimido. (1983). 13.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. ( Coleção O Mundo, Hoje,v.21).

GUIMARÃES, M. (org.) Caminhos da Educação Ambiental: da forma à ação. Campinas: Papirus, 2004.

LOUREIRO, C.F.B. Educação Ambiental Transformadora. In. Layrargues, P.P. Identidade da Educação Ambiental Brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004-b. 156p.

MININNI, N. M. Histórico da Educação Ambiental Internacional SIBEA- Sistema Brasileiro de Educação Ambiental.

MORIN, E. (2000). Cabeça bem Feita: repensar a reforma reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

NICOLESCU, B. O Manifesto da Transdisciplinaridade \_ São Paulo: Triom, 199,.2001.

PIAGET J. A epistemologia das relações interdisciplinares, 1990.

SOARES, A. A Natureza, a cultura e eu: ambientalismo e transformação social. Ed. da Univali, 2003.